

SETE MARES

Ana Maria Machado

Resenha

Depois de dez anos lutando na Guerra de Troia, Odisseu leva outros dez anos para conseguir, enfim, desembarcar em sua terra natal, Ítaca. No meio do caminho, encontra gigantes, ninfas e feiticeiras e, amarrado ao mastro da embarcação, é o único a sair vivo depois de ouvir o canto das sereias. Jasão, após viver incontáveis aventuras a bordo da nau Argos, só consegue se apoderar do Velocino de Ouro graças à ajuda da bela feiticeira Medeia, em uma história que tempos depois acabaria por terminar em tragédia. Enquanto os dois heróis gregos se defrontam com tempestades e criaturas perigosas, a tripulação da nau Catarineta, que rumava do Brasil colônia para Portugal, sofre de fome durante uma impiedosa calmaria. São a fome e a falta de peixes que levam um jovem pescador siberiano a mergulhar no oceano para despertar com sua música o misterioso Velho do Mar. Outros pescadores, como o irlandês Jack Dogherty, não se interessavam por peixes; “pescavam” a carga afundada dos naufrágios. O marujo Simbad, por sua vez, a despeito de quase perder sua vida em meio às assombrosas aventuras das suas sete viagens, se torna riquíssimo: tão bom comerciante quanto aventureiro, podia sempre contar com intervenções divinas providenciais. Quanto à bela e poderosa Mãe-D’água, criatura das águas casada com um ingrato pescador humano, chora e canta inconsolável a cada lua cheia.

© Marcelo Bicalho



Coordenação:
Maria José Nóbrega

Em *Sete mares*, Ana Maria Machado nos conta sete histórias míticas e lendárias de diferentes partes do mundo para evocar o papel fundamental que o mar, a pesca e as navegações desempenharam na história humana: as águas, desde tempos imemoriais, foram fonte de sustento e despertaram temor e fascínio. Todos os sete contos do livro envolvem alguma forma de encontro com personagens que pertencem a outros mundos. Atravessar as águas é adentrar mistérios e ir ao encontro do outro: seja dos estrangeiros, seja de animais marítimos de outras espécies, seja dos espíritos que dominam os ventos, a quantidade de peixes e o fluxo das águas. Afinal, para navegar é preciso estar sempre pronto para lidar com o imponderável. Se as jornadas dos heróis gregos envolvem guerras e conquistas, os pescadores que protagonizam os contos “O velho do mar” e “Mãe-d’água” estão preocupados, sobretudo, com a própria alimentação e sustento. A relação dos humanos com os seres dos mares é complexa e contraditória, envolvendo lutas, domínios e traições, o conto “O velho do mar” se destaca por nos permitir vislumbrar a ética e o respeito possíveis na relação entre mundos diferentes.



Depoimento

De Luciana Alvarez,
jornalista e mãe

O mar sempre esteve presente na vida dos meus filhos. Sou caçara e, embora tenha vivido longe da praia por muitos anos, desde bebês os levava para visitar os avós à beira-mar. Hoje moramos no litoral e somos frequentadores assíduos de aquários e museus de pesca, com direito a carteirinha de sócio e tudo mais. Mesmo assim, o livro da Ana Maria Machado nos apresentou um olhar completamente novo. No dia a dia, lidamos com o mar sob uma ótica científica, ecológica, esportiva. O mar do livro é o mistério, o imprevisto, o assombro.

Mas, assim que ia começar a leitura, percebi que eles gostam mesmo é das histórias. A paciência para ouvir o prefácio ou os pequenos trechos explicativos ao final de cada capítulo se mostrou reduzida. Decidi então me adiantar sozinha nesses pedaços. Assim, enquanto eles acompanhavam

cada história, eu ia soltando em pílulas algumas das informações que estavam lá. Coisinhas como “reparem como quem decide tudo são os deuses, e não as pessoas”, logo depois da intervenção de uma divindade grega.

Para mim, ler com meus dois filhos traz sempre uma oportunidade de perceber o quanto eles já sabem sobre o mundo. Fiquei surpresa com o tanto que meu filho mais velho conhecia da mitologia grega – ele adora o assunto e aproveita para ter várias “lições” com uma avó também conhecedora do tema. Depois de lermos sobre os argonautas, ele deixou anotado que sua próxima conversa com a avó será sobre qual foi o fim trágico de Jasão e Medeia.

Também achei encantador que minha filha caçula tenha tentado “corrigir” o livro quando há frases como “os homens sentiram o chamado do mar”. Em casa, ela não deixa ninguém usar “homens” como palavra para designar toda a humanidade. No livro, contudo, os exploradores e pescadores são mesmo humanos do sexo masculino.

Tentei tratar do tema com mais perguntas que respostas. Será que as mulheres não sentiam esse tipo de chamado? Por quê? Se sentiam, será que podiam responder a ele?

Fomos lendo uma história por dia, sempre ávidos por mais. As narrativas são independentes, mas ler as sete em uma semana deixou tudo muito vivo na memória. Acabou que o fiozinho de uma foi sempre puxando a próxima. Por semelhança ou oposição, estivemos o tempo todo discutindo como o mar e os seres marinhos misteriosos eram retratados em cada época e lugar do mundo.

Sete mares acabou saltando das páginas para outras partes da nossa vida. Aproveitei para apresentar músicas de Dorival Caymmi e “Os argonautas”, de Caetano Veloso, ambos citados pela autora.

Desde a leitura, ainda não voltamos à praia. Acho que eles vão se divertir no mar como sempre. Vão continuar se encantando com as espécies maravilhosas que existem nos oceanos, preocupando-se com sua preservação. Mas, acredito também que vão ter novas camadas de entendimento (ou dúvidas) sobre o que essa vastidão azul representa não só para nós, hoje, mas para toda a humanidade, há milênios.



Um pouco sobre a autora

Ana Maria Machado é carioca, tem três filhos e mora no Rio de Janeiro. São quase quarenta anos de carreira, mais de cem livros publicados no Brasil e em mais de dezessete países, somando mais de dez milhões de exemplares vendidos. Os prêmios conquistados ao longo da carreira de escritora também são muitos, tantos que ela já perdeu a conta.

A escritora vive viajando por todo o Brasil e pelo mundo inteiro para dar palestras e ajudar a estimular a leitura. Depois de se formar em Letras, começou sua vida profissional como professora em colégios e faculdades. Também já foi jornalista e

livreira. Desde muito antes disso, é pintora e já fez exposições no Brasil e no exterior.

Mas Ana Maria Machado ficou conhecida mesmo como escritora, tanto pelos livros voltados para adultos como por aqueles voltados para crianças e jovens. O sucesso é tanto que em 1993 ela se tornou *hors-concours* dos prêmios da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Finalmente, a coroação. Em 2000, Ana Maria ganhou o prêmio Hans Christian Andersen, considerado o prêmio Nobel da literatura infantil mundial. E em 2001 a Academia Brasileira de Letras lhe deu o maior prêmio literário nacional, o Machado de Assis, pelo conjunto da obra. Em 2003, Ana Maria teve a imensa honra de ser eleita para ocupar a cadeira número 1 da Academia Brasileira de Letras.



Leia mais...

Da mesma autora

- ✦ *Bisa Bia, Bisa Bel*. São Paulo: Salamandra.
- ✦ *Bem do seu tamanho*. São Paulo: Salamandra.
- ✦ *De olho nas penas*. São Paulo: Salamandra.
- ✦ *Raul da ferrugem azul*. São Paulo: Salamandra.
- ✦ *Bento que é bento é frade*. São Paulo: Salamandra.
- ✦ *Era uma vez um tirano*. São Paulo: Salamandra.

Do mesmo gênero ou assunto

- ✦ *Contos e lendas da Ilíada*, de Martin Jean. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- ✦ *Ruth Rocha conta a Odisseia*, de Ruth Rocha. São Paulo: Salamandra.
- ✦ *Uma história dos piratas*, de Daniel Defoe. Rio de Janeiro: Zahar.
- ✦ *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift. Rio de Janeiro: Rocco.
- ✦ *Nau Catarineta*, de Roger Mello. São Paulo: Global.